



X COLÓQUIO INTERNACIONAL

"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

ALGUMAS QUESTÕES SOBRE A FEMINIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO

ADENILDE DE SOUZA DANTAS

MARIA HELENA SANTANA CRUZ

EIXO: 10. EDUCAÇÃO, CORPO, SEXUALIDADE, GÊNERO

RESUMO:

O propósito que norteia este artigo é refletir sobre a feminização do magistério, para entender o como as mulheres foram ocupando o espaço da sala de aula e se constituíram em maioria do corpo docente. Para isso, utilizamos metodologia qualitativa do tipo exploratória, por meio da consulta a fontes bibliográficas, leitura e construção teórica. Os dados preliminares revelam questões de gênero e, especificamente o modo como a feminização do magistério vem incidindo na particularidade do contexto brasileiro. Historicamente os discursos baseados em ideologia patriarcal foram empregados para enclausurar a mulher no espaço privado, posteriormente apropriados pelo capitalismo para justificar a entrada do espaço privado da casa para adentrar o espaço público da escola com a profissão de professora.

Palavras-Chave: Discurso. Educação. Feminização do Magistério.

ABSTRACT:

The purpose that guides this article is to reflect on the feminization of teaching, to understand how women have been occupying the classroom space and constituted in most of the faculty. For this study we used a qualitative methodology of the exploratory type, by consulting the bibliographical sources, reading and textual construction with theoretical background and specifically how the global phenomenon of feminisation of teaching has been focusing on the particularity of the Brazilian context. Historically the discourses based on patriarchal ideology were employed to enclose women in the private space of the house to enter the public space of the school with the profession of teacher.

profession.

Keywords: Education. Feminization of the Magisterium. Speech.

A revisão da literatura ou retrospectiva sobre a produção teórica do trabalho docente em salas de aula historicamente são maioria, na Educação Básica. Esse fato iniciou-se no final do século XIX, e o patriarcal reagisse aos novos sopros da modernidade.

Em junho de 2014, foi publicada uma pesquisa Internacional de Ensino e Aprendizado (Talis) *Desenvolvimento Econômico – OCDE*, que afirma que no Brasil 71% dos professores são do sexo feminino. A informação comprova o que na prática já se sabia, as mulheres são hoje maioria absoluta na profissão. É importante ressaltar que nem sempre foi assim, vários impedimentos e guerras contra o regime patriarcal foram necessários para que o espaço privado e conquistasse o espaço público. A primeira pista para a compreensão desse impasse está na semântica das palavras: “profissão”, “professor” e “professora”.

As palavras “profissão”, “professor” e “professora” são semelhantes etimologicamente porque provêm de *professum*, que por sua vez vem do verbo *profitēri*: Segundo o dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, os significados da palavra profissão, é *ato ou efeito de professar*. Em uma de suas acepções “professor ou lente, lecionar, professorar”. Se partirmos do pressuposto que o professor é a primeira profissão, as primeiras profissões só podem existir quando há professores ensinando-as, todo esse discurso faz sentido.

Ainda, segundo o Dicionário Aurélio da Língua portuguesa (2010, p.1715), e o Dicionário Escolar (2000, p.119), “professor” vem do latim *profēssor, oris* e significa *aquele que professa ou ensina uma ciência, mestre*. Já a palavra “professora”, além de, deixar claro que é do sexo feminino, o Dicionário Escolar (2000, p.119), apresenta um significado mais resumido: *mulher que ensina ou exerce o professorado; professora oficial*, o dicionário traz o significado popular do termo professora que é: *prostituta com que adolece*. Segundo o significado é interessante, porque, ele só se refere ao termo “professora” e não ao termo “professor”. O significado da palavra “professor” é para se referir *ao professor universitário, de ginástica, ao acadêmico e aquele que professa as verdades religiosas*, sempre se referindo a alguém dotado de moralidade.

Numa análise mais profunda, parece que nesse significado popular da palavra “professora”, este termo remete ao passado patriarcal há séculos, que mulher que trabalha fora de casa é desonesta, prostituta e imoral (2000, p.119), as preceptoras que na prática foram as “primeiras professoras”, (grifo nosso) em meados do século XIX, com desconfiança:

Eram sexualmente vulneráveis e socialmente deslocadas. O discurso ambíguo associava as mulheres e as associa àquelas que vivem à margem da sociedade de

social que separa a mulher “normal”, isto é, a esposa e mãe, da mulher m
preceptora. (VILLELA, 2000, p.119)

A palavra “professor” quando digitada sozinha no site de busca do Google apresenta quinhentos e já a palavra “professora” apresenta quarenta e sete milhões e duzentos mil resultados. Este fa organizado em torno do masculino e como o feminino vem sempre em segundo lugar. Grama masculino como “Homem”, por exemplo, serve para designar, de forma abrangente, toda a espé conceito estabelecido de “Homem” que se refere à “Humanidade”. Outro exemplo do predomínio d presente na gramática, e demonstra através da linguagem o que vem ocorrendo por milênios n nominal de palavras de gêneros diferentes. Segundo Bechara (2009, p.545), se as palavras deterr palavra determinante irá para o plural masculino ou concordará em gênero e número com a mais pr

Segundo Ribeiro (2000, p.79), os árabes consideravam a mulher um ser inferior. O sexo feminino f imbecil. Uma categoria à qual pertenciam mulheres, crianças e doentes mentais. Isso porque, du considerada por muitos homens como um ser humano igual a eles, muitos a viam como um o incubadora de espermatozoides prontos para serem fecundados, chocados e darem à luz aos filhos espécie.

Para Delumeau (2003, p.503), a concepção agostiniana de pecado original levou à misoginia. Para e mata a alma, privando-a da graça, e arrasta assim o corpo na dor do pecado. Araújo (1997, p oportunidade de lembrar às mulheres o terrível mito do Éden.

A mulher estava condenada, por definição, a pagar eternamente pelo erro de ao pecado que tirou da humanidade futura a possibilidade de gozar da i partilhava da essência de Eva, tinha de ser permanentemente controlada. (AF

Assim, primeiro através da religião, a mulher foi considerada culpada por todos os males da hun deveria ser mantida presa e vigiada, sem direitos, controlada e submetida à moral dos homens. homem, tornando-se apenas um objeto no domínio masculino, conforme nos diz Foucault (200 homens [...]). Conseqüentemente, moral viril, onde as mulheres só aparecem a título de objeto (convém formar, educar e vigiar, quando as tem sob seu poder [...]). Sua principal função era a (2000, p.82), confirma que as mulheres brancas no século XVI deveriam ser importadas de Pi reprodução e fixação do padrão étnico europeu/branco. Segundo, a mesma autora, fica claro qu social, a condição física e mental dessas mulheres, o que importava é que estas fossem meras re Depois, a ciência com suas ideias estapafúrdias para nós hoje, mas, pertinentes para a época

mal-acabado, deficiente incapaz de aprender. De acordo com Souza (2012, p.181), teorias como, por meio do estudo do tamanho e do peso do cérebro a incapacidade intelectual da mulher e das pessoas. Essas concepções sobre a mulher foram justificativas e impedimentos, durante séculos, para que elas não pudessem estudar e trabalhar fora, uma vez que, pairava na sociedade, certa desconfiança, com medo de que estudavam ou trabalhavam fora de casa. Alguns setores da sociedade acreditavam que o trabalho fora de casa prejudicava a família e a nação já que as crianças seriam criadas soltas sem limites. No entanto, percebe-se as classes de mulheres que gozavam desse impedimento para o trabalho.

O trabalho feminino sempre existiu nas classes populares, para as escravas e para as índias. De acordo com os primeiros dados oficiais [...] apontam que em 1872, elas representavam 45,5% da força de trabalho e estavam empregadas predominantemente na agropecuária, nos serviços domésticos em lar alheio ou em sua própria". Disso pode-se inferir que a sociedade brasileira, que se pautou no poder masculino, jamais reconheceu o trabalho feminino. Segundo Falci (2013, p.250) as mulheres pobres, mesmo as que tinham maridos, precisavam ganhar para sobreviver, além do trabalho doméstico desempenhavam atividades diversas, trabalhando como costureiras, amas de leite e até trabalhos tidos como masculinos, como capinar, carregar lenha, plantar e colher, algumas se especializaram, mas a grande maioria fazia um pouco de tudo. As mulheres negras e escravas trabalhavam duro, mas também faziam de tudo, inclusive todo o serviço doméstico.

No Brasil durante muitos séculos, o ensino era lugar de homens e para homens. Segundo Ribeiro (2013) a maioria das mulheres era analfabeta e a minoria que vivia na corte possuía pouca leitura, suficiente apenas para os livros de devoção e famílias, ainda nos primeiros tempos do império, quando existia, ocorria em casa, sob a orientação do pai ou nos conventos. Estas formas de ensino eram muito precárias e se dedicavam a leitura e escrita de cartas, bordados, as costuras, as noções de economia doméstica e de como ser uma boa mãe e esposa. A falta de acesso ao ensino, disso, significava algo que traria consequências nefastas ao controle imposto pelo sistema patriarcal.

O acesso ao ensino feminino e a introdução da mulher nas salas de aula como docente está relacionado às mudanças das décadas do século XIX como a modernização da sociedade provocada pelas descobertas científicas da industrialização que exigia, cada vez mais, mão de obra para os trabalhos nas fábricas. Segundo Falci (2013) o aprimoramento da instrução feminina animados por ideias evolucionistas darwinistas, aponta um importante fator de retardo do progresso da humanidade". Logo, se o Brasil queria chegar ao progresso para sua sociedade deveria investir e incentivar o ensino das mulheres.

O surgimento das escolas de primeiras letras criadas a partir da Lei Imperial de 15 de outubro de 1827, criou a escola pública. Isso não quer dizer que a educação feminina, no primeiro momento, tinha o objetivo de preparar as mulheres para funções sociais diferentes daquelas convencionadas pela sociedade como impróprias à sua capacidade, mas com a missão "natural" de ser mãe e esposa.

Segundo Santos (2013 p.107), a escolarização da infância passou a ser vista como um percurso necessário para a formação do cidadão.

Brasil. Diante disso, a expansão da escola pública, que neste momento atendeu, em parte, aos i entrada dessas no magistério, já que, segundo Freitas (2003, p.27), o ensino das meninas deveria segundo a autora, eram recrutadas, primeiro através do comportamento social, ou seja, deveriam s tinham o conhecimento necessário para o cargo. Percebe-se com isto, um cuidado especial relat medo que os comportamentos considerados depravados, para a época, pudessem desencaminhá-la:

A Escola Normal foi responsável pela profissionalização do magistério. Ela possibilitou, especialr exercer uma profissão socialmente aceita pela sociedade que as permitiu transpor o espaço priva busca de realização pessoal e da independência social e financeira. Outros fatores que influencia ligados aos baixos salários dos professores, ao acelerado processo de industrialização e urbanizaç trabalho para os homens. Ao se analisar a força de trabalho de mulheres, é preciso considerar “o j ideológica”, o que denota relações de poder com resquícios patriarcais (CRUZ, 2005, p. 42).

A inserção predominante das mulheres em determinados setores e ocupações é explicada pe transformação qualitativa (*feminização*). Conforme Cruz (2012), a questão da feminilização e fem significados. A *feminilização* das profissões expressa significado quantitativo ou refere-se ao aumen composição de uma profissão ou ocupação, sua mensuração e análise realizam-se por meio de dac aparece com significado qualitativo, alude às transformações de significado e valor social de uma pr da *feminilização* e vinculadas à concepção de gênero predominante em uma época; seu impac discurso. Neste sentido, a feminização do magistério contribuiu para afastar muitos homens, rentáveis para prover o sustento da família, como por exemplo, os trabalhos nas indústrias, n públicos conquistados através de nomeação política. De acordo com Ferreira (2008, p.17-18), a ocorreram mudanças profundas no seio da sociedade:

Ensinar passou a ser tarefa de quem não era considerado sustentáculo – ecoi social – da família: mulheres que, por sua vez, modificaram a origem de educação suficiente para ensinar – não necessariamente conhecimentos –, e das classes “médias”. Contudo, esse espaço ocupado pelas mulheres não lhe 1998; LOURO, 2001; VILLELA, 2000); fez-se necessária uma forte transform agora compreendida como uma extensão do trabalho doméstico, realizado período de tempo que não o compromete. (FERREIRA, 2008, p.17-18.

Pode-se inferir, que este avanço do feminino na vida pública da escola, primeiro como aluna e dep de forma isolada como uma atitude de bondade da sociedade para com a mulher. Isso só foi po provocadas, principalmente, pelo surgimento da indústria e pelas demandas sociais provocadas (2012), como consequência a sociedade passou a ter um sentimento público diferente em relaça

procriadora e com condições de educar e serem preparar de forma adequada as novas gerações poderiam ser uma nova força da civilização. Da mesma forma constata Santos (2013, p.106-107):

Ser professora no alvorecer do século XX significava ter mais que uma pro também símbolo de prestígio aumento da renda e reconhecimento social. Po Normal de Aracaju se tornou o sonho de muitas meninas e até de seus far ser representadas como as portadoras das novas metodologias e de uma nov campo educacional. (...) Em muitos documentos produzidos sobre a disser percebido a ênfase dada ao papel das professoras no desenvolvimento educa como musas da instrução, responsáveis pelas novas metodologias e da pr tarefa cívica e sagrada. (SANTOS, 2013, p. 106-107)

Num primeiro momento, somente as mulheres órfãs, solteiras até o momento do casamento, e poderiam exercer o magistério. Apesar de, o magistério primário ter se tornado lugar de mulher, e casamento as jovens deveriam abandonar a profissão e se dedicarem aos seus maridos e filhos, mulher. Alguns pesquisadores apontam que seguimentos da sociedade chegaram a propor a impl: professoras. Podemos inferir que esse celibato tinha o intuito de suprir a falta de professoras ocas abandono da profissão quando essas se casavam.

Representadas como mulheres abnegadas que deixavam o seio protetor da jovens do país. Essa trama de representações resultou em embates acerca d em sacerdócio, alegando ser incompatível a conciliação entre as tarefas don chegou-se a se cogitar a implantação do celibato das professoras. (SANTOS, :

A partir do momento, que não era mais lucrativo deixá-la em casa somente cuidando dos filhos e volta para a missão de educar seus filhos e filhas como extensão do trabalho doméstico de cuidar fazem refletir sobre uma das possíveis causas que levou a mulher casada ao mercado de trabalho aula.

(...) este avanço progressivo das mulheres no mercado de trabalho não dev feminina. O discurso (...) na verdade procuraria escamotear o fato de que, ei o homem não consegue mais assumir sozinho o papel do provedor do mão-de-obra de reserva a ser utilizada pelo mercado de trabalho nos mor

1998, p.145)

No caso do magistério feminino, isso não ocorreu de forma diferente, porque essa profissão permitia ser desenvolvida em apenas um espaço "doméstico", a qual foi reservada às mulheres. Muitos pesquisadores acreditam que essa jornada de trabalho é justificada pelos baixos salários, já que, estes eram compreendidos como complementares aos salários de homens com a responsabilidade de "chefe de família". Não se considerava a hipótese de que o salário das mulheres fosse para a manutenção das despesas domésticas. Entretanto, para Louro (2013, p.453), a feminização do magistério não mais bem que justificou que se pagasse menos e pedisse pouco por esse trabalho.

De acordo com Freitas (2003, p.153-155), era mais econômico para o Estado empregar as mulheres do que pagar a uma professora no início do século XX não satisfazia a um professor. Percebe-se com os dados das crianças nos anos iniciais do ensino primário era desqualificado em relação ao trabalho realizado. Pesquisas afirmam que a inserção da mulher no mercado de trabalho, ao longo da história, mostra que a mulher sempre foi reservada na expansão dos mercados, além de ser considerada substituta dos homens nas profissões menos especializadas e de menos prestígio, onde os salários são mais baixos. A pesquisa de Anísio Teixeira – INEP/EDUCACENSO realizada no ano de 2007, mostra que ainda hoje mudou. Segundo a pesquisa dos/das docentes que trabalham:

- Nas Creches 97,9% (noventa e sete vírgula nove por cento) são do sexo feminino, o sexo masculino soma 2,1% (dois vírgula um por cento);
- Na Educação Infantil (pré-escolar) 96,1% (noventa e seis vírgula um por cento) são do sexo feminino, o sexo masculino soma 3,9% (três vírgula nove por cento);
- Nos anos iniciais da Educação Básica (do 1º ao 5º ano) 91,2% (noventa e um vírgula dois por cento) são do sexo feminino, o sexo masculino soma 8,8% (oito vírgula oito por cento);
- Nos anos finais da Educação Básica (do 6º ao 9º ano) 74,4% (setenta e quatro vírgula quatro por cento) são do sexo feminino, o sexo masculino soma 25,6% (vinte e cinco vírgula seis por cento);
- No Ensino Médio 64,4% (sessenta e quatro vírgula quatro por cento) são do sexo feminino, o sexo masculino soma 35,6% (três e cinco vírgula seis por cento);
- Na Educação Profissional 46,7% (quarenta e seis vírgula sete por cento) são do sexo feminino, o sexo masculino soma 53,3% (cinquenta e três vírgula três por cento);
- No Ensino Superior 45% (quarenta e cinco por cento) são do sexo feminino, o sexo masculino soma 55% (cinquenta e cinco por cento).

Esses dados mostram que o perfil, predominantemente, feminino dos profissionais vai se modificando para o Ensino Superior. Isso comprova que quanto maior for o nível de ensino, a média salarial tende a aumentar, maior é a participação dos homens.

Uma outra pesquisa publicada na Revista Dados no ano de 2015 examinou a carreira acadêmica pesquisa, em uma das melhores universidades públicas brasileira, a Universidade Estadual de Campinas, Marília Moschkovich (doutoranda) e Ana Maria F. Almeida (orientadora) responsáveis pelo estudo af

Profissionais do sexo feminino são 45% do corpo docente nas universidades e no corpo docente do ensino superior (Inep, 2011). Quando contabilizadas apenas no estado de São Paulo, esse número é menor ainda, cerca de 40%. Nas universidades, as docentes do sexo feminino correspondiam, em 2011, a 38% do corpo docente de Campinas, eram apenas cerca de 35%. Desigualdades de Gênero (MOSCHKOVICH e ALMEIDA, 2015, p.755.)

Além disso, segundo as autoras, esse estudo apontou que a carreira docente no ensino superior é marcada pela alta presença feminina não garantem às pesquisadoras vantagem para chegar ao topo da carreira que: 1) as docentes do sexo feminino são maioria nos cursos de Educação, Artes, Arquitetura, Letras e Ciências; 2) os professores do sexo masculino encontram-se mais espalhados pelos diferentes cursos, sendo maioria nas outras áreas; 3) os professores do sexo masculino são mais propensos a tornarem-se coordenadores de graduação, entretanto, estão mais excluídas da coordenação de pós-graduação, de institutos, da reitoria e do conselho universitário.

Essas duas pesquisas realizadas em momentos diferentes com um intervalo de oito anos, ocorreram apenas na educação básica e mesmo assim em disciplinas ligadas às áreas das Ciências Exatas e Humanas são minoria. Entretanto, em cursos como educação, artes, arquitetura, letras e enfermagem elas são maioria. Os professores masculinos estão inseridos nas áreas das Ciências Exatas e nos espaços de maior poder e maior prestígio, uma vez que, esta atividade foi socialmente atribuída à mulher.

Considerações finais

Direto da esfera privada, reclusa desde o nascimento, criada para servir aos interesses masculinos, a mulher conquista o espaço público por meio do trabalho. Graças a este, ela tem alcançado a autonomia econômica, fornecendo condições para ampliar sua participação social, cultural e política contribuindo assim, para desenvolver pesquisas, entre elas Elisabeth Souza Lobo (2011), aponta que essa entrada no mundo não é fácil, uma vez que, nesse espaço a mulher ainda é vítima de muitos preconceitos, pois, para obter a mesma qualificação que os homens, ela tem mais dificuldades em ingressar em cargos de chefia, além de fazer, na maioria das vezes, as mesmas tarefas. A participação feminina no mercado de

ocupacionais e postos de trabalhos instáveis e de piores remunerações. Mesmo estando no século XXI a violência contra mulher ainda fazem parte do cotidiano de muitas trabalhadoras.

É importante salientar que a inserção da mulher nas salas de aulas do ensino primário não se deu sem obstáculos que teve de transpor para exercer o magistério. O primeiro deles foi os preconceitos da sociedade concepções de que a mulher era um ser inferior desprovido de inteligência e que isto prejudicava. Para muitos médicos higienista o trabalho feminino fora de casa levaria a desagregação do lar e a degeneração da raça. Segundo Haidar (2008, p.230) que o ensino da infância nas mãos da mulher equivale ao ensino por que ela ficará o ensino da humanidade graças ao poder das primeiras impressões. Outros apesar de reconhecerem que a mulher acreditavam que por ela ter o dom divino de gerar outra vida estaria apta para exercer a docência em níveis elementares.

Em suma, é interessante notar como os discursos foram sendo construídos, ao longo dos séculos, para mantê-las sob o jugo dos homens. Num primeiro momento, era necessário representar a mulher como alguém que não se podia confiar, já que, ela foi capaz de se aliar a serpente e desobedecer uma ordem divina eterna. Esse discurso, servia para manter a mulher trancafiada em casa sob o controle dos homens. Com o passar do tempo, com o momento, que há a necessidade da mão de obra feminina no chão da escola, em virtude da expansão do ensino. Era preciso criar um novo discurso que atribuía a mulher o papel de regeneradora da sociedade através da maternidade, como sinônimo de progresso e civilidade. As professoras passaram a ser representadas como musas da instrução, responsáveis pelo futuro do Brasil, sua tarefa era cívica e sagrada. A partir desse discurso vai aos poucos desconstruindo a visão de mulher pecadora, sedutora perpassados pelo tempo, o novo discurso criado para legitimar a presença feminina nas salas de aulas acabou por desafiar o sistema patriarcal, a desobstruir o caminho para a sua inserção no espaço público do mercado de trabalho. O novo discurso bem que justificou a saída dos homens para outros postos de trabalho melhor remunerados e maior prestígio social.

REFERÊNCIAS: ARAÚJO, Emanuel. **A arte da sedução:** sexualidade feminina na colônia. In: **100 Anos de Mulheres no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 45-77. CRUZ, Maria Helena Santana. **Trabalho, gênero, e cidadania:** Tradição, modernidade. São Cristóvão: Editora UFS, 2005, 290p. DELEMEAU, Jean. **O pecado e o medo:** a culpabilização no ocidente (séculos 13-18). Trad. de Álvaro de Luna. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 503.

Estudo exploratório sobre o papel do professor brasileiro com base nos resultados do INEP 2007. INEP: Brasília. Maio/2009. p.63. www.portal.mec.gov.br/dmdocuments/estudoprofessor. Acesso em 20 de jun. 2016.

FALCI, M. K. Mulheres do Sertão nordestino. In: DEL PRIORE, M.; PINSKY, C. B. (Coords.). **História da Mulher no Brasil**. Contexto, 2013. p.241-277.

FARIA, Ernesto. **Dicionário Escolar Latino Português**. 6. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1994. p. 442.

FERREIRA, Aurélio Buarque Holanda. (Coord.) FERREIRA, Maria Baird; ANJOS, Margarida de. **Dicionário Escolar Latino Português**. – 5. ed. – Curitiba: Positivo, 2010. p. 1715.

FERREIRA, Márcia Ondina Vieira. **Desconforto e invisibilidade**: representações sobre relações de gênero na Educação em Revista. Belo Horizonte, n.47. p.15-40 jun. 2008.

FOLLADOR, Kellen Jacobsen. A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental. **Revista Brasileira de História**, p. 3-16.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade II**: o uso dos prazeres. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **“Vestidas de azul e branco”**: um estudo sobre a mulher e o trabalho doméstico (1920-1950). São Cristóvão: Grupos de Estudos e Pesquisas em História da Educação/ NPGED, 2000.

HAIDAR, Maria de Lourdes Mariotto. **O ensino secundário no Brasil Império**. 2.ed. São Paulo: FAPESP, 2008.

[http://](http://oglobo.globo.com)

oglobo.globo.com

[/sociedade/educacao/60-dos-professores-no-brasil-sao-obrigados-trabalhar-em-mais-de-uma-atividade](http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/60-dos-professores-no-brasil-sao-obrigados-trabalhar-em-mais-de-uma-atividade)
Acesso em 23 de jun. de 2016.

JUNQUEIRA, Eliane Botelho. A mulher juíza e a juíza mulher. In: BRUSCHINI, C; HOLANDA, Heloisa. **Plurais, Novos estudos no Brasil**. São Paulo: FCC, São Paulo ed. 34, 1998. p. 135-161.

LOBO, Elizabeth Souza de. **A classe operária tem dois sexos**. 2 ed. São Paulo: Instituto Perseu Abramo, 1985.

LOURO, Guaciara Lopes. **Mulheres na sala de aula**. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História da Mulher no Brasil**. Contexto, 2013. p. 443-479.

MOSCHKOVICH, Marília. ALMEIDA, Ana Maria F. **Desigualdades de Gênero na Carreira Acadêmica**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Dados - Revista de Ciências Sociais, vol. 58, n. 3, jul/set, 2016.

RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. **Mulheres educadas na Colônia**. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; CYNTHIA GREIVE. 500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte, Autêntica, 2000. p.79-94.

SAMPAIO, Carlos Eduardo Moreno. et al. **Estatísticas dos professores no Brasil**. In:Revista Brasileira de Educação, v. 83, n. 203/204/205, p. 85-120, jan./dez. 2002.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. **Ecoss da modernidade**: a arquitetura dos grupos escolares s
Editora da UFS, 2013.

SOUZA, Josefa Eliana. **O programa de instrução pública de Tavares Bastos (1861-18**
norte-americano. São Cristóvão: Editora UFS, 2012. p.181.

VILLELA, Heloisa de O. S. **O mestre-escola e a professora**. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira;
Cynthia Greive. 500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte, Autêntica, 2000. p. 96-134.

Notas:

* Mestranda em educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professora da rede Est
municipal de Nossa Senhora do Socorro/SE. Participa do Grupo de Pesquisa do CNPq: "Educaçã
Relações de Gênero" - UFS. Aracaju/Sergipe/Brasil. E-mail: adidantas77@gmail.com

** **Professora Emérita** dos Programas de Pós-graduação em Educação e Serviço Social da UFS;
(UFS); Doutora e Mestre em Educação (UFBA); Líder do Grupo de Pesquisa do CNPq: "Educaçã
Relações de Gênero" (UFS); Coordenadora da REDOR – REDE FEMINISTA NORTE E NORDESTE DE E
E RELAÇÕES DE GÊNERO e do (NEPIMG/UFS) Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares
E-mail: helenacruz@uol.com

.br

Recebido em: 08/08/2016

Aprovado em: 09/08/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: